

# Salários e custo da vida

III

Um aumento de salários não implica necessariamente um aumento do custo da produção — tal a súmula dos artigos dos dois últimos domingos.

Muito mais temos, porém, a acrescentar para se desfazer a enorme confusão lançada nos problemas económicos por certos princípios clássicos, passados de compêndio em compêndio e de geração em geração, a respeito de economia.

E comecemos pelo conceito de custo da produção, já que tanto se receia affectá-lo com um aumento de salários, para não elevar o custo da vida!

Toda a produção traz consigo um sacrificio ou uma despesa. Tem que se sacrificar ou gastar certos materiais (como matérias primas, etc.), além do desgaste das ferramentas, máquinas, edificios, e também uma determinada quantidade de trabalho. A toda esta despesa se convencionou chamar o custo da produção.

O industrial, na sua escrita, anota o dispêndio feito com cada um desses gastos, incluindo os salários: soma-os e fica sabendo quanto gastou por mês ou por ano para produzir determinada quantidade de mercadoria. Dividindo o total das despesas pelo número de unidades produzidas, obtém-se o custo de produção de cada uma delas.

Mas isto não passa de mera especulação teórica, sem reflexo correspondente na realidade. Numa fábrica de calçado, por exemplo, (e o mesmo se aplica a todas as indústrias), como poderá o industrial saber o custo de produção de cada par de sapatos? Que desgaste produziu nas máquinas um par de sapatos de pelica, umas botas de caçador ou uns sapatos de senhora? E a matéria prima foi sempre exactamente do mesmo preço? Não se estragou nenhuma porção de cabedal? A falta momentânea de energia eléctrica que obrigou a uma pausa de cinco ou dez minutos que parou os pares de sapatos, foi affectar? E a desafinação daquela outra máquina?

Poderíamos multiplicar as perguntas, que obteríamos sempre a mesma resposta: impossibilidade de se determinar concretamente o custo de produção de cada unidade.

Poder-se-á estabelecer, no entanto, o custo médio? Sem duvida.

Mas o custo médio da produção não passa também d'outra abstracção sem proveito real. O industrial não faz essa operação nem ela lhe serve para nada. O que lhe interessa saber é quanto gastou e quanto recebeu. A diferença constitui o seu lucro ou o seu prejuizo. E é sobre a quantidade dessa diferença que vai ajustar se o negócio lhe corre bem ou mal. Quando lhe falam em aumentar os salários aos seus colaboradores, não reage porque esse aumento vai affectar o custo da produção, mas porque lhe vai diminuir os lucros. E quando se vê forçado a pagar maiores salários, trata logo de encarecer a mercadoria, não para compensar o custo da produção, mas para não desfalcicar os seus lucros. E então, vai logo ás do cabo...

Ahás o problema do custo da produção só tem interesse por causa do problema dos preços e do rendimento nacional.

23-12-945

Quanto aos preços, existe uma «lei» (?) em economia que se pode expressar assim: os preços tendem a fixar-se à volta do custo da produção. Se descem abaixo do nível médio do custo da produção, esta retrai-se, rareiam os productos, e os preços sobem. Se estão acima desse nível, a produção estimula-se em virtude da margem de lucro que oferece, a produção multiplica-se, os productos abundam, os preços descem. Conclui-se que, afinal, quem vai fixar os preços é o custo da produção.

Esta «lei» económica, em que se baseiam todos aqueles que têm receio de elevar os salários a um nível humano (porque isso elevava o custo da produção e portanto, os preços e o custo da vida) esta lei, dizíamos, é uma das provas mais evidentes da infinita ingenuidade humana.

Se os preços se fixam ao nível do custo da produção, ou, por outras palavras se o que a produção consome é igual ao que produz, a humanidade não poderia realizar nenhum progresso, condenada a trabalhos forçados sem poder retirar nunca do seu esforço qualquer aumento de riqueza ou de bem-estar material!

Os preços ao nível do custo da produção?! Mas então não haveria ninguém que se quisesse aventurar a produzir.

Os preços, normalmente, não só se fixam sempre acima do custo da produção, como até se estabelecem, por via de regra, sem atenção ao seu nível.

E para o compreendermos, basta reparar no facto de não haver dois industriais que tenham igual custo de produção. Enquanto para um a força motriz é barata, outro têm-na cara; um dispênde pouco em transportes, outro terá de empregar na deslocação das matérias primas ou das mercadorias grandes somas de dinheiro. Um paga melhor, outro pior. Um tem máquinas mais aperfeiçoadas, outro trabalha em piores condições técnicas. Uma empresa de grande envergadura obtém tudo mais barato e faz maiores economias do que um pequeno industrial que terá de pagar mais caro os fornecimentos a mão de obra, etc. O custo da produção de uns, é de outros é, portanto, muito diferente, e até pode variar de um dia para o outro, por exemplo, se lhe aumentam ou diminuem as contribuições. No entanto, no mercado, os preços são sensivelmente iguais.

Não foi o custo da produção que fixou os preços, nem sequer o custo médio como pretendem alguns. Se fosse o custo médio, os que produzem mais caro, estariam sempre a perder, o que é um absurdo. Nem tampouco o custo de produção mais elevado, como pretendem outros, porque isso só poderá verificar-se a respeito dos productos raros e insubstituíveis.

Aliás os preços fixam-se mercê de muitas influências: maior ou menor escassez do producto, maior ou menor utilidade, etc. Uma descoberta pode influir imediatamente nos preços, como nêle influi uma intranquilidade po-

141

lítica, uma oscillação do valor da moeda ou uma simples medida financeira. Nunca se tem em conta o custo da produção para o estabelecimento dos preços dum monopólio, dum artigo de novidade, dum producto de luxo ou duma produção de empresas organizadas em trusts ou simplesmente organizadas em gremios ou em economias auto-dirigidas.

Esta história do custo da produção, deusa inviolável em quem se não pode tocar sem provocar imediatamente o aumento do custo da vida, e todas as desgraças subsequentes, é um desses contos de fadas encantadas, boas para entreter ao serão a inocência das crianças, ou para justificar a falta de uma politica social capaz, e mais do que isso, de justiça social. E a sombra deste illusionismo que se vão formando as grandes fortunas industriais ao lado da miséria sempre crescente dos que trabalham.

Mas ainda há mais, e mais bonito a dizer.

ABEL VARZIM